

O SEGUIMENTO A CRISTO NA PERSPECTIVA DE UMA IGREJA EM SAÍDA: uma análise pastoral de Lc 9, 57- 62

Alison Felipe de Moura¹

RESUMO

A presente pesquisa trata da questão do seguimento a Cristo a partir da perspectiva do evangelho de Lucas, mais precisamente da perícopes 9, 57-62. Inicialmente, apresentamos algumas considerações sobre a obra estudada, procurando, assim, refletir sobre qual o contexto do autor do evangelho e para quem ele escreve. Em seguida, apresentamos a questão central deste trabalho, a saber, o seguimento, isto é, o que vem a ser de fato o seguimento e como ele é entendido pelos demais autores da tradição sinótica dos evangelhos. Por fim, argumenta-se sobre tal questão na perspectiva de Lc 9, 57-62, procurando, a partir de uma base metodológica bibliográfica, em diálogo com os vários estudiosos que tratam da questão, responder ao seguinte problema: Em que sentido o autor do evangelho de Lucas apresenta os critérios para o seguimento a Jesus, e qual a relevância desses critérios para uma vivência de fé na atualidade? Partindo do problema, o objetivo deste trabalho é refletir como o evangelista apresenta o que consideramos as condições para o seguimento do mestre a partir de três cenas apresentadas por Lucas na perícopes estudada. Com isso, busca-se entender como essas condições se aplicam à vida cristã na atualidade.

Palavras Chaves: Evangelho; Lucas; Seguir a Cristo; Igreja em Saída.

¹ Mestre em filosofia pelo Pontifício Ateneo Regina Apostolorum de Roma/PUC-Rio. Especialista em Teologia Bíblica pelo Centro Universitário Católica do Rio Grande do Norte – UNICATOLICA alison.felipe07@gmail.com. Atualmente professor do curso de teologia da UNICATOLICA.

Omnia *Omnia* *Omnia* *Omnia*

FOLLOWING CHRIST FROM THE PERSPECTIVE OF AN OUTGOING CHURCH: a pastoral analysis of Lk 9:57-62

ABSTRACT

The present research deals with the question of following Christ from the perspective of the Gospel of Luke, more precisely the pericope 9, 57-62. Initially, we present some considerations about the work studied, thus trying to reflect on the context of the author of the gospel and for whom he writes. Next, we present the central question of this work, namely the sequel, that is, what is the sequel in fact and how it is understood by the other authors of the synoptic tradition of the gospels. Finally, this question is argued from the perspective of Lk 9, 57-62, thus seeking, from a bibliographical methodological base, in dialogue with the various scholars who deal with the question, to answer the following problem: In what sense does the author of the gospel of Luke present the criteria for following Jesus, and what is the relevance of these criteria for living in faith today? Starting from the problem, the work aims to reflect, how the evangelist presents what we consider the conditions for following the master from three scenes presented by Lucas in the studied pericope. With this, we seek to understand how these conditions apply to the Christian life today.

Keywords: Gospel; Luke; Follow Christ; Church in Exit.

1 INTRODUÇÃO

O seguimento a Jesus, ao longo da história da teologia, foi apresentado de diversos modos, tendo em vista os diversos contextos e culturas. Hoje mais do que nunca diante da pluralidade de pensamentos acerca do seguimento ao mestre, surge, portanto, a necessidade de voltarmos ao texto bíblico, considerando o texto e o contexto, procurando entender quem é esse Jesus que os evangelhos nos apresentam.

Considerando que a Sagrada Escritura é uma composição literária que foi se construindo através dos séculos, tendo em vista a necessidade do povo de Israel de preservar a sua identidade, os evangelhos se apresentam como uma tentativa de atualização dessa identidade a partir, agora, da experiência com o ressuscitado.

O Papa Francisco, na sua encíclica *Evangelii Gaudium*, n. 3, convida todos os cristãos a renovar o seu encontro com Cristo de modo a tomar a decisão de se deixar encontrar por ele, e, consequentemente, segui-lo, arriscando a própria vida, tal como fez o mestre.

Diante das exigências atuais da evangelização, esta pesquisa visa apresentar uma reflexão a partir da perícopa de Lc 9, 57 – 62, procurando entender e acolher a mensagem do mestre, para melhor aplicá-la nos dias atuais. Partindo do texto bíblico, e da vida pastoral da Igreja hoje, a presente pesquisa tem como objetivo geral refletir à luz do evangelho de Lucas, sem descurar o seu contexto, como o evangelista apresenta o que consideramos as condições para o seguimento do mestre a partir de três cenas, uma que parte do homem, outra que parte de Jesus e a outra que denota a decisão incondicional do seguimento, tal como nos apresenta a perícopa citada. Com isso, buscaremos entender como essas condições se aplicam à vida cristã na atualidade.

Para tal intento, pensamos partir do seguinte problema: Em que sentido o autor do evangelho de Lucas apresenta os critérios para o seguimento a Jesus, e qual a relevância desses critérios para uma vivência de fé na atualidade?

Considerando que nossa pesquisa é de tipologia bibliográfica, para a realização deste trabalho, pensamos refletir sobre o tema proposto a partir de alguns autores referenciais e/ou especialistas no assunto, como se verá ao longo da pesquisa.

Tendo em vista a abrangência do tema devido às várias facetas que o mesmo nos apresenta, pensamos nortear a presente pesquisa a partir de alguns objetivos claros e precisos, a saber: analisar como se dá o seguimento a partir da perspectiva de Lucas, no evangelho a ele atribuído; refletir em que sentido o evangelista apresenta condições para o seguimento ao mestre Jesus, e como isso pode ser atualizado na vida de fé hoje, tendo em vista os desafios da cultura atual, tais como, a pluralidade no modo de pensar e de agir dos indivíduos, fruto das profundas transformações históricas e culturais onde o seguimento a Cristo exige cada vez mais uma atitude crítica diante da realidade vigente, sem, portanto, deixar de lado a verdade perene da fé cristã, tal como se apresenta no texto bíblico.

A pesquisa se estrutura a partir do seguinte itinerário: algumas considerações preliminares, onde trata-se de apresentar algumas características acerca da obra lucana, em seguida, apresentamos o seguimento tentando entender tal questão a partir da etimologia da palavra, isto é, sua definição e conceito, e como se apresenta nos evangelhos sinóticos, tendo em vista a profunda influência dos mesmos para o autor do evangelho estudado. Por fim, apresentamos uma análise da pericope estudada e, em seguida, uma reflexão acerca da relevância do texto bíblico em questão para a vida de fé na atualidade. Sendo assim, pensamos oferecer uma reflexão crítica sobre um tema tão antigo e ao mesmo tempo tão novo, dado as exigências e urgências para a evangelização num mundo em constante transformação, delineando, assim, um perfil daquele que deseja seguir o mestre Jesus de Nazaré. Procurando, a partir Dele e Nele, responder aos apelos e urgências da evangelização no hoje da história.

2 CONDIÇÕES PARA O SEGUIMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES

O que significa seguir Jesus? Como entender tal seguimento levando em consideração a história de ontem e de hoje? Com base nessas e em outras perguntas, tentaremos apresentar como o autor do evangelho de Lucas justifica o seguimento e como o mesmo se apresenta nos evangelhos sinóticos.

O termo seguimento pode se apresentar de várias maneiras, desde questões de puro interesse ou curiosidade, até a uma adesão mais concreta. No geral, entende-se por seguimento, o ato ou efeito de seguir algo ou alguém, seja de modo concreto ou simplesmente pelas ideias. (cf. Beyreuther, 1994, p. 172).

Do grego *Ἀκολουθέω*¹ que numa tradução literal significa: seguir, acompanhar, ser seguidor, vir atrás², etc., quer indicar a ação do homem e da mulher que responde a um chamado de modo a ajustar sua vida a partir desse chamado. Esse termo era utilizado na cultura helênica para designar a conformidade do sábio com as leis do universo, indicando, assim, a assimilação, ou seja, a adaptação e, conseqüentemente, o seguimento de tais leis. Já no Antigo Testamento, o termo seguimento aparece em vários textos: 1Rs, 19,20; Os 2, 7. Em ambos os textos, é possível entender o seguimento na perspectiva do – ir atrás de – de forma totalmente concreta (cf. Beyreuther, 1994, P. 173)³.

Para Beyreuther, (1994, p. 172), “no Novo Testamento, os vocábulos que pertencem à área conceitual do seguimento, referem-se, antes de tudo, à relação relativa a Jesus ou para designar a relação da fé na vida”. [tradução minha]. Em outras palavras, seguir Jesus é ser discípulo, é fazer a experiência com o ressuscitado, é reconhecê-lo e segui-lo de modo radical, isto é, assumir a sua proposta como projeto de vida.

¹ Expressão, tal como aparece no novo testamento.

² O Novo Testamento Grego. 4. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

³ É importante destacar aqui, que, apesar de não ser nosso objetivo tratar do tema do seguimento de modo exaustivo, optamos por apresentar o significado do termo no antigo testamento, por uma questão metodológica de modo a situar melhor o leitor.

Ainda segundo Beyreuther (1994, 174), esse seguimento a Jesus tem uma conotação diferente se comparado ao seguimento dos rabinos da época, pois, “Jesus não chama para que se aprenda um modo de conduta transmitido, mas aponta para o futuro do reino de Deus” [tradução minha]. É antes de tudo, não imitar a Cristo de maneira literal, mas, atualizar a sua mensagem tal como nos apresenta os evangelhos. Para entender melhor essa questão, convém examinar melhor a questão a partir dos demais evangelistas sinóticos.

Para Fitzmyer (1986, p. 407), o tema do seguimento não é exclusivo de Lucas. Contudo, é em Lucas que esse termo ganha uma conotação mais intensa, tendo em vista o objetivo teológico do autor. A temática do seguimento aparece de modo diferenciado nos evangelhos, considerando o contexto e os destinatários. Portanto, considerando a abrangência do tema e o objetivo desta pesquisa, nos deteremos aqui em apresentar de modo sucinto a visão de cada evangelista, tendo por base algumas perícopes.

Seguindo a ordem cronológica dos evangelhos, Marcos é o primeiro evangelista a tratar da questão, seguido de Mateus e de Lucas

No evangelho de Marcos, aparece descrito em 1,16-18; 2, 13-17 e 8, 34ss a visão do autor sagrado sobre o seguimento. Na primeira perícopa, 1, 16-18, o texto apresenta o chamado dos primeiros discípulos na Galileia, onde Jesus os convida a deixar a sua profissão e segui-lo. Segundo Schmid (1967, p. 60), esse convite exortação de Jesus significa não um seguimento temporal, mas por toda a vida.

Apesar de o texto apresentar uma decisão imediata da parte dos que foram chamados, a atitude de seguir Jesus não foi irrefletida já que os discípulos sabiam quem era Jesus e o que queria apesar de Marcos não evidenciar essa peculiaridade (cf Schmid.1967. p. 61). Nessa mesma linha, está Brown (2011, p. 72), quando afirma que os discípulos, apesar de serem pescadores não eram homens sem instrução, pois, ao que tudo indica, a pesca era um negócio seguro, tanto é que tinham empregados, como confirma o v. 20⁴. Sendo assim, a prontidão para seguir Jesus não foi algo inesperado, fruto de uma mera emoção entusiasta, mas tem seu fundamento na tradição da época onde “era comum que alunos judaicos procurassem um mestre como prestígio e se ligasse a ele” (Brown, 2011. p. 72). Porém, com Jesus é ele que vai à procura dos discípulos.

Na verdade, Marcos quer ressaltar o impacto do seguimento na vida dos discípulos, e, conseqüentemente, dos leitores, ou seja, a resposta dos quatro primeiros discípulos aparece no evangelho como modelo para os leitores de como deve ser a adesão, isto é, o seguimento a Jesus. Tal seguimento será cheio de tensão, como descreve Marcos posteriormente. (cf. 1, 29; 3, 13-15; 4, 35-41; 8, 27-33). A tensão que o seguimento proporciona é fruto da adesão ao projeto de Jesus, pois, “Vir em seguimento de Jesus e participar de sua missão significa seguir um caminho de gratificação estimulante e confusão extenuante, de poder e impotência irresistíveis”. (cf. Comentário Bíblico III, 2013. p. 48)

Já em 2, 13-17, Marcos ao relatar o chamado de Levi, confirma o que disse acima, isto é, que o seguimento a Jesus é um seguimento cheio de tensões já que, Jesus rompe com a lógica dos rabinos da época e escolhe para ser seus seguidores aqueles que são “desprezíveis”. Na concepção de Schmid (1967, p. 95), o fato de Jesus ter escolhido Levi para segui-lo, é visto pelos fariseus como uma verdadeira monstruosidade, uma vez que, a profissão de Levi era desonrosa e considerada imoral.

Diante desse quadro, Marcos quer mostrar a força do chamado de Jesus e a radicalidade que gera naquele que foi chamado a ponto de deixar tudo, como no caso dos quatro primeiros discípulos, e seguir Jesus. Em outras palavras, pode-se perceber aqui a força que a palavra do

⁴ Para Gnika (1999 p. 70), não é possível afirmar com clareza a posição social e/ou prestígio dos pescadores já que existem opiniões diversas a esse respeito. Para alguns, eles são considerados socialmente como pobres, já outros, os classificam como piedosos. Há, ainda, quem os considere como homens de má fama. Etc.

Mestre tem para transformar as realidades mais “difíceis”, subvertendo mais uma vez a lógica do poder religioso da época.

Seguindo a nossa análise, em 8, 34ss Marcos apresenta o ápice do seguimento, isto é, a cruz. Depois de falar da sua paixão, nos versículos precedentes, Jesus apresenta qual é a condição para ser seu discípulo, isto é, assim como ele, aquele que quer segui-lo deve tomar a cruz. Para Schmid (1967, p. 222), ao apresentar o caminho da cruz como via de seguimento, Jesus revela o verdadeiro caráter da sua missão, contrariando as expectativas do judaísmo de um messias político. Mas como entender o seguimento na perspectiva marcana?

O v. 34 apresenta três condições para o seguimento, a saber: renunciar a si mesmo, tomar a cruz e seguir a Jesus. Para Schmid (1967, p. 241), essas três condições constituem-se como a expressão autêntica do seguidor de Jesus, onde, “as duas primeiras são ações que levam consigo uma decisão, a terceira significa uma relação durável com a pessoa de Jesus” [tradução minha]⁵. Sobre o *renunciar a si mesmo*, dirá Schmid.

Essa frase não pode ser entendida no sentido “ascético”, atualmente banalizado, de vencer as más inclinações e de suportar com paciência os sofrimentos e as contradições da vida cotidiana, mas significa algo muito mais radical. O verdadeiro discípulo de Jesus não pode querer mais de si mesmo, renunciando as exigências do seu eu e a sua vontade própria. (1967, p. 241). [tradução minha].

O seguimento como renúncia de si mesmo, isto é, do próprio eu e das próprias vontades, pode ser entendido, antes de tudo, como abertura do homem ao mistério de amor do Pai, a saber, Cristo que, ao se revelar na cruz, revela o homem a si mesmo, dando-lhe a conhecer a sua verdadeira vocação. (cf. GS. n. 22).

A segunda condição, *o tomar a cruz*. Indica, segundo Schmid (1967 p. 241-242), que o discípulo está de tal modo mergulhado na vontade de Deus que aceita em obediência a essa vontade, um caminho igual ao do seu mestre, até as últimas consequências. A expressão carregar a cruz, “[...] amplia a exigência de até aceitar a disposição de morrer por causa do seguimento e se refere a todas as tribulações e rejeições que os discípulos podem experimentar”. (Gnilka, 2001, p. 22) [tradução minha]. Na verdade, essa exigência radical de Jesus quer indicar que o seguimento a ele não é algo fruto do acaso ou de uma experiência sentimental, mas de uma adesão séria, consciente e concreta.

Por fim, a terceira exigência, *o seguir*,⁶ é entendida considerando as demais, ou seja, é um seguimento radical, não a uma ideia ou a um projeto político, mas à pessoa de Jesus e ao reino. É um seguimento que põe em risco a própria vida, já que, o que está em jogo é a vida eterna. Em outras palavras, seguir Jesus tal como Marcos apresenta é ir na contramão dos ideais deste mundo, porém, com os pés cravados na realidade presente. Logo, o objetivo de Marcos ao tratar da questão do seguimento, é apresentar a pessoa de Jesus como modelo de cristão a ser seguido a partir da experiência pessoal com o mesmo.

Assim como em Marcos, para o evangelho de Mateus, selecionamos três textos para tratar do seguimento, a saber: Mt 4, 18-22; 9,9; 16, 24-26. Quanto ao primeiro texto, 4, 18-22, Mateus apresenta o chamado dos quatro primeiros discípulos, tal como vimos em Marcos, porém com algumas peculiaridades, por exemplo, a referência a Pedro, com o sobrenome de Simão, querendo mostrar a intenção do escritor, que provavelmente já conhecia Pedro e ainda para especificar a qual Simão estava se referindo, já que o nome Simão era muito comum naquele

⁵ Essa divisão das condições para o seguimento não é unânime entre os estudiosos, para Gnilka (2001, p. 21-22), as condições podem ser apresentadas somente em duas exigências, sendo a primeira, negar e renunciar a si mesmo, e a segunda está disposto a carregar a cruz. Por uma questão didática, optamos por seguir a proposta de Schmid, considerando também o que pensa Gnilka sobre a questão.

⁶ O grifo das três condições é nosso.

tempo. (cf. Schmid, 1973, p. 107). Há quem defenda ainda que, ao evidenciar já aqui a pessoa de Pedro, o autor do evangelho queria indicar a posição de Pedro diante da comunidade, ou seja, como representante da comunidade e, conseqüentemente, como modelo de seguidor.

Para alguns comentadores, o objetivo de Mateus nesta perícopes é apresentar o convite de Jesus com um convite profético, tal como o convite de Elias a Eliseu (cf. 1Rs 19, 19-21). Essa relação com a vocação de Eliseu é entendida por alguns estudiosos como a fonte de inspiração para o segundo chamado que Jesus faz nesta perícopes. (cf Comentario al Nuevo Testamento, 1995. p. 43). Sendo assim, a missão que os seguidores do mestre vão realizar a partir de agora é uma ação/missão profética que se confirma na pesca de homens, através do anúncio do reino dos céus como em Mt 10, 5ss.

Esses quatro primeiros discípulos representam a todo o grupo dos discípulos, que neste evangelho tem uma importância particular. Mateus ver neles aqueles que historicamente acompanharam a Jesus, e também o grupo dos que formam a comunidade cristã (Comentario al Nuevo Testamento, 1995. p. 43).[tradução minha]

Na verdade, o chamado de Jesus a esses quatro, serve de modelo para toda a comunidade mateana, indicando que seu chamado é diferente do dos rabinos da época, como se confirma no chamado de Mateus.

Em 9, 9, temos o chamado de Mateus, que, tal como em Marcos, aparece para confirmar a radicalidade do seguimento. Contudo, é preciso entender essa citação dentro da perícopes 9, 9-13, ou seja, o evangelista quer mostrar a ação profética de Jesus que veio, não para cumprir meramente os rituais religiosos, mas para fazer a vontade de Deus, isto é, a misericórdia como princípio essencial da vivência de fé (cf Os. 6,6), por isso, Ele come com pecadores. Para Ulrich luz (2001 p. 71), essa ação de Jesus de comer com os pecadores quer indicar ainda a sua vontade salvífica, e a sua humildade para com os mais necessitados. Sendo assim, aquele que quer seguir Jesus, deve estar disposto a romper com tudo aquilo que vai contra a proposta do reino, isto é, deve entrar na dinâmica de conversão e adesão total ao modo de ser e agir do Mestre. Adirir de modo total ao mestre é estar disposto a fazer o mesmo caminho, isto é, o caminho da cruz como em 16, 24-26.

Tal como em Marcos, em 16, 24-26, o autor do evangelho de Mateus apresenta as instruções para o seguimento, a renúncia a si mesmo e o tomar a cruz e seguir Jesus. A diferença de Marcos é que Mateus apresenta as instruções de Jesus ao grupo dos discípulos, e não a todo povo como se confirma no v. 24. Na verdade, a renúncia a si mesmo e o tomar a cruz aparecem já em Mt 10, 37-38, mas num sentido mais cristológico, isto é, no sentido de ser digno de Jesus (cf. v. 37). Em outras palavras, a adesão a Jesus implica uma renúncia de todas as seguranças pessoais e sociais.

Em Mt 16, 24-26, o tomar a cruz aparece num sentido mais eclesiológico, isto é, dando a entender que a cruz é o sinal do verdadeiro seguimento da comunidade, pois é o que configura o discípulo ao mestre como apresenta o autor do evangelho ao citar as condições para o seguimento logo depois da profissão de fé de Pedro (16, 13-19) e do primeiro anúncio da paixão. (16, 21-23). Para Mateus,

O seguimento de Jesus tem, na experiência de Deus como Pai, a pedra basilar. [...] Nos gestos e palavras de Jesus, o Pai compadecido de seus filhos cansados e abatidos como ovelhas sem pastor (cf. Mt 9,36), assegura caminho que resgata todas as coisas pela misericórdia ilimitada. Transmite ensinamento definitivo, capaz de estabelecer no mundo justiça restaurativa das relações, pelo amor atuante. [...] Em seu Filho, convoca discípulos para instaurar o Reino pelas obras de compaixão. (Fonseca, 2013, p. 143-144).

Sendo assim, se em Marcos temos o seguimento como fruto de uma experiência pessoal com a pessoa de Jesus, em Mateus, seguir Jesus, tal como justifica Fonseca, é mergulhar na sua misericórdia de modo concreto, ou seja, no amor misericordioso com os mais necessitados a ponto de carregar com eles a própria cruz.

Como dissemos inicialmente, é em Lucas que o seguimento ganha uma maior intensidade, principalmente quando relacionado ao tema do caminho, ou seja, a viagem de Jesus a Jerusalém (cf. Fitzmyer, 1986, p. 407). Apesar de Fitzmyer dar destaque ao tema do seguimento somente a partir de 9, 51, vale lembrar que nos capítulos precedentes do evangelho de Lucas o autor apresenta algumas perícopes que tratam da questão do seguimento como em 5, 1-11.27-28; 9, 23-25⁷.

Esses textos querem indicar a força da palavra e da ação de Jesus que chama para a edificação do reino de Deus, como vemos em 5, 1-11 onde o autor sagrado se utiliza da pesca, por ser uma atividade comum da época, como meio para indicar a seus leitores a pedagogia de Jesus que, com sua palavra, pesca homens, tal como indica o v. 10. Mas, não uma pesca como de costume, isto é, visando os melhores peixes, mas pelo contrário, a pesca de Jesus vai ao encontro dos mais necessitados, como é o caso do cobrador de impostos vv 27-28.

Essa atitude de Jesus, de ir na contramão do modo de pensar da época, tem como consequência a cruz. sendo assim, a cruz se torna o caminho para aquele que quer ser discípulo do Mestre. Em outras palavras, a cruz é a realização plena da palavra que foi semeada e aquele que toma essa palavra para si, se torna tal como o mestre, ou seja, se configura com ele a ponto de ter o mesmo destino, a saber, ser crucificado, “perder a vida”⁸ para ganhá-la, “seguir as pegadas do próprio Jesus” (Fitzmyer, 1986. p. 407). Seguir as pegadas de Jesus implica algumas exigências, como se vê em 9, 57-62. Com base nesta perícopa e no que foi dito até então, como entender o seguimento a Jesus na perspectiva lucana a partir das exigências de 9,57-62? Como entender tais critérios ou exigências na atualidade?

3 LC 9, 57-62 NUMA PERSPECTIVA PASTORAL

O seguimento a Cristo na atualidade torna-se cada dia mais urgente e exigente. Com base no que foi refletido até então, convém apresentar as exigências de Lc 9, 57-62 a partir do entendimento de alguns exegetas, e como elas, as “exigências”, iluminam a ação pastoral de modo a gerar naquele que acolhe a palavra, uma adesão ao convite de Jesus.

A perícopa em questão está situada na terceira parte, no bloco da grande viagem para Jerusalém. O texto pode ser esquematizado em três partes. Uma introdução, v. 57a, ao que tudo indica é próprio de Lucas pelo fato de não indicar um lugar preciso. Uma argumentação/discussão em torno do seguimento, vv. 57b-60 e, por fim, a conclusão nos vv.61-62.

O texto apresentado aparece também em Mateus 8, 19-22, mas a versão de Lucas apresenta algumas peculiaridades.

Mateus 8, 19-22	Lucas 9, 57-62
19. Então chegou-se a ele um escriba e disse: “mestre, eu te seguirei para onde quer	57. Enquanto prosseguiram viagem, alguém lhe disse na estrada: “Eu te seguirei para

⁷ A partir de uma leitura atenta do evangelho, e considerando a teologia do caminho que o autor do evangelho de Lucas quer apresentar, pode-se entender essa posição de Fitzmyer em dar destaque ao seguimento a partir de 9, 51, pois é a partir daqui que o autor sagrado vai falar o seguimento como missão, já que inicialmente o seguimento pode ser interpretado mais propriamente como discipulado como ler-se no capítulo 5 do evangelho de Lucas.

⁸ Grifo nosso

que vás”	onde quer que vás”.
20. Ao que Jesus respondeu: “As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça”.	58. Ao que Jesus respondeu: “As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça”.
21. Outro dos discípulos lhes disse: “Senhor, permite-me ir primeiro enterrar meu pai”.	59. Disse a outro: “segue-me”. Este respondeu: “permite-me ir primeiro enterrar meu pai”.
22. Mas Jesus respondeu: “Segue-me e deixa que os mortos enterrem seus mortos”	60. Ele replicou: “Deixa que os mortos enterrem seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus”.
	61. Outro disse ainda: “Eu te seguirei, Senhor, mas permite-me primeiro despedir-me dos que estão em minha casa”.
	62. Jesus, porém lhe respondeu: “Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus”.

Para Fitzmyer (1987, p. 192) a semelhança do texto de Lucas com o texto de Mateus quanto à elaboração redacional indica seguramente a utilização, por Lucas, da fonte Q. Já, o que diferencia os dois textos, isto é, o acréscimo lucano, evidencia a existência de uma fonte própria de Lucas. Outra peculiaridade que destaca Fitzmyer é o fato de Lucas não ser preciso com relação às pessoas com quem Jesus dialoga, diferentemente de Mateus que dá nome aos interlocutores. Essas diferenças e a aparente imprecisão de Lucas, como justifica Schmid (1968, p. 256), quer ressaltar na verdade, o grande interesse da comunidade nas palavras pronunciadas por Jesus, isto é, muito mais do que ver em Jesus um rabino, a comunidade está interessada nos seus ensinamentos que se constitui como parâmetro de fé e de vida para aqueles que aderem a sua proposta. Sendo assim, “os que querem ser seu discípulo, devem calcular os riscos inerentes a essa identificação e contar com um previsível conflito entre as diferentes fidelidades” (Fitzmyer, 1987, p. 195). [tradução minha].

Como vimos acima, o texto lucano apresenta três casos de seguimento. No primeiro caso, v.57b, o aspirante se oferece para seguir Jesus com total disponibilidade. Jesus responde de modo sereno, porém radical. “As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” v. 58. A resposta de Jesus se dá de modo proverbial, “para sacudir os ouvintes e tirá-los de sua maneira habitual de organizar o universo e fazê-los ver a existência a partir de um ângulo inteiramente novo” (Brown, 2011, p. 268).

Para Fitzmyer (1987, p. 195), nesse primeiro exemplo de seguimento, confirmando o que disse Brown, Jesus abre os olhos daquele que aspira ser seu seguidor, mostrando com sua resposta que o caminho que ele propõe é um caminho de total desprendimento e de total confiança, isto é, sem pretensões ambiciosas, nem estabilidades mundanas, mas com entrega plena à vontade do Pai. (cf 9, 35). Sendo assim, o discípulo deve estar ciente e abraçar o mesmo destino de Jesus se quiser ser seu seguidor. Com base nesse primeiro exemplo, pode-se afirmar com clareza que, para ser seguidor de Jesus não basta ter boa vontade, ou somente se sentir

romanticamente atraído, mas é preciso ter consciência da missão e das consequências que o seguimento produz.

O segundo exemplo que Lucas oferece de seguimento parte do convite de Jesus – segue-me⁹ v. 59, e tem como resposta o pedido para cumprir a obrigação filial de enterrar o pai¹⁰. Jesus, todavia, replica de modo radical contrariando mais uma vez o ouvinte. “Deixa que os mortos enterrem seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus”. v. 60.

Para Fabris (2006, p. 119) a resposta de Jesus apresenta uma nova perspectiva acerca da morte, desse modo, aquele que anuncia o reino de Deus é chamado a anunciar a boa nova até mesmo diante da morte, já que, a morte é sinal de vida, como anunciará Jesus com sua paixão morte e ressurreição.

Para Brown, a resposta de Jesus, tal como no primeiro exemplo, é proverbial e se apresenta tão eficaz a ponto de “mudar o modo como as pessoas normalmente ordenam o universo moral [...]” (2011, p. 268). Em outras palavras, a proposta de Jesus vai contra o modo de pensar e agir humano, indicando que o caminho do reino é muitas vezes contrário aos nossos caminhos. Desse modo, o seguimento a Jesus é prioridade até mesmo diante das obrigações morais. Com isso, entende-se que o seguimento, tal como dissemos anteriormente, não é um projeto político ideológico, mas uma adesão existencial à pessoa e às obras de Jesus.

No terceiro exemplo de seguimento, alguém uma vez mais se coloca à disposição para seguir Jesus, porém com algumas condições; despedir-se do pai. Esse exemplo não aparece em Mateus, pois para muitos estudiosos é próprio de Lucas. Segundo Fitzmyer (1987 p. 195), “o terceiro aspirante é uma síntese dos dois casos precedentes, assemelha-se ao primeiro em sua disponibilidade espontânea; mas também como o segundo, põe suas condições” [tradução minha]. Contudo, a resposta de Jesus é mais uma vez chocante exigindo dedicação exclusiva. “Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus”. v. 62.

Esse terceiro exemplo faz alusão ao chamado de Elias a Eliseu, (cf. 1Rs 19,19-21), porém, a resposta de Jesus desfaz toda e qualquer semelhança da sua proposta com a proposta de Elias a Eliseu, já que a proposta de Jesus é mais exigente dada a sua resposta. Tal como o lavrador precisa estar inteiro ao arar¹¹ a terra, assim também aquele que quer seguir Jesus precisa dedicar-se inteiramente, sem reservas nem distrações ao serviço do reino. Pois,

O anúncio do reino não tolera demoras ou protelações, recordações nostálgicas ou adiamentos de qualquer tipo. A ruptura com o passado e o empenho no novo futuro não podem ser menos que totais. (Fabris, 2006, p. 120)

Com base nas premissas apresentadas a partir da perícopes 9, 57-62, resta-nos agora entender como tais critérios ou exigências se aplicam numa perspectiva pastoral hoje.

4 O SEGUIMENTO NUMA IGREJA EM SAÍDA

Falar do seguimento hoje é, sem sombra de dúvidas, falar do grande ideal proposto pelo Papa Francisco. Por essa razão pensamos apresentar a proposta de Lucas 9, 57-62 na perspectiva da igreja em saída. O seguimento apresentado na perícopes 9, 57-62 oferece três condições ou critérios, como vimos: a confiança, o desprendimento de si, e a entrega total e incondicional ao reino. Essas três condições são colocadas pelo autor sagrado no início da viagem para Jerusalém

⁹ O convite de Jesus aqui tem estrita ligação com o convite feito aos primeiros discípulos (cf Lc 5, 1-11. 27)

¹⁰ Tradição cultural da época em que os judeus eram dispensados até mesmo das obrigações religiosas mais rígidas.

¹¹ O arado era um instrumento usado para revolver a terra de modo a extrair as raízes e preparar o terreno para o plantio. O arado palestinese era muito simples, por isso exigia muita atenção. Com uma das mãos o lavrador segurava o arado e com a outra guiava o boi, de modo que qualquer descuido poderia arruinar o trabalho na terra.

para mostrar que o seguimento a Jesus é algo sério. Mas é preciso deixar claro aqui que esses critérios aparecem não como uma condição moral, mas como um convite que espera uma resposta livre e consciente. (cf. Comentário al Nuevo Testamento, 1995. p. 220). Em outras palavras, pode-se afirmar que o autor do evangelho de Lucas apresenta nestas três condições a essência de um seguimento numa igreja em saída, mas em que sentido?

O Papa Francisco, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, propõe a todos os cristãos um dinamismo novo de seguimento a Cristo a partir de um encontro sempre atual com o Mestre, deixando-se encontrar por Ele, a ponto de arriscar tudo por causa Dele. (cf *Evangelii Gaudium* n. 3-4). Com isso, o sumo pontífice quer indicar um caminho de retorno às fontes da fé cristã, a saber, a experiência com o ressuscitado, tal como nos apresenta o Novo Testamento.

Essa expressão Igreja em saída se adéqua a proposta de seguimento apresentado pela perícopes em questão, visto que, pensar uma igreja em saída, nada mais é que ser fiel ao ensinamento do evangelho, ou seja, é sair para anunciá-lo “[...] a todos e em todos os lugares, em todas as ocasiões sem demora, sem repugnância e sem medo” (*Evangelii Gaudium*, n. 23). Isso se confirma já no capítulo 10 do evangelho em questão, onde os discípulos são enviados em missão em toda a cidade e lugar em que o próprio Jesus deveria ir (cf. Lc 10, 1) desse modo, seja para a Igreja primitiva, seja para hoje, seguir Jesus implica assumir a sua missão. Mas como se aplica hoje as três condições apresentadas pela perícopes em questão?

Considerando a primeira cena como vimos no tópico anterior onde Jesus pede daquele que quer segui-lo total confiança e disponibilidade, à luz da *Evangelii Gaudium*, pode-se entender essa condição a partir de um trabalho pastoral em chave missionária, que seja criativo e ousado. (cf *Evangelii Gaudium*, n. 33). Em outras palavras, implica não se deixar levar pelos condicionamentos de certos planejamentos pastorais fruto de raciocínios exacerbados, mas estar aberto às moções do Espírito, ou seja, ser sensível à realidade que se apresenta em suas várias expressões, dando destaque para a pessoa do outro, em especial os mais necessitados.

Para Stoger (cf. 1966, p. 264), essa primeira condição apresentada por Jesus quer nos ensinar que o seguimento deve gerar naquele que segue uma confiança total e incondicional ao mestre, a ponto de arriscar a própria vida, isto é, a própria reputação e todas as seguranças que este mundo oferece tal como apresenta o Jesus na expressão “o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça”. Em outras palavras, pode-se afirmar que nessa primeira condição Jesus exige um desprendimento não somente material, mas acima de tudo existencial, ou seja, um desprendimento da própria vida por amor à missão.

Pagola (2012, p. 163), analisando esta primeira cena, entende que, “seguir Jesus é viver a caminho, sem instalar-nos no bem-estar e sem buscar um falso refúgio na religião”, ou seja, é viver o seguimento de modo consciente, entendendo que a religião não é o fim em si mesmo, mas um meio que se apresenta como proposta de seguimento.

Já na segunda cena, como vimos, Jesus convida a um desprendimento total de si, ou seja, exige uma renúncia até mesmo daquilo que se julga ser o critério de verdade existencial do ser humano, de modo particular dos judeus¹². À luz dessa cena pode-se interpelar a situação de muitos cristãos hoje, que idealmente se colocam a caminho com Jesus, mas, na prática, estão preocupados consigo mesmos, isto é, com o status social, proteção divina, sentimento de felicidade, ou fazem do seguimento uma mera obrigação, quer dizer, um preceito religioso, gerando muitas vezes mais morte do que vida.

Para Stoger (1966 p. 265), “a vocação ao discipulado conduz da morte à vida. Quem não é discípulo de Jesus, quem não escutou a sua mensagem do reino e da vida eterna está na morte” [tradução minha]. Sendo assim, podemos afirmar que quem não fez a experiência com o ressuscitado, ainda que viva os preceitos da fé está na morte. Na visão de Pagola (cf. 2012 p.

¹² Entenda-se aqui por critério de verdade a ação de enterrar o pai que, como vimos, era próprio da lei judaica.

164), a resposta de Jesus nessa segunda cena é mais urgente do que até mesmo as obrigações morais, já que tem como meta abrir caminhos para que o Reino de Deus aconteça. Ainda segundo este autor:

Na Igreja vivemos frequentemente distraídos por costumes e obrigações que provêm do passado, mas não ajudam a gerar vida evangélica hoje. Há pastores que se sentem como mortos que se dedicam a enterrar mortos. É o momento de voltar a Jesus e buscar primeiro o reino de Deus. (Pagola, 2012. p. 166).

Podemos entender essa ideia de Pagola a partir do apelo do Papa Francisco no n. 49 da *Evangelii Gaudium*, onde o mesmo convida a Igreja a sair para oferecer a todos a vida de Jesus sem medo, ou seja, sem se preocupar em ser o centro, mas confiando no Senhor, se lançar no serviço aos irmãos que vivem como que mortos devido, muitas vezes, à falta de acolhida e de um sentido para a vida.

Na terceira cena, apresenta como proposta de seguimento o desprendimento total em vista o reino. Para Pagola (2012 p. 165), é impossível seguir o caminho do reino olhando para trás, ou seja, preso ao passado. Nesse sentido, o seguimento implica conversão, que por sua vez implica confiança plena em Deus e no seu projeto. Nessa mesma linha de pensamento vai Stoger, ao afirmar que: “o anúncio do Reino de Deus pode ser confiado somente, [...] àquele que vive totalmente pela obra que abraçou” (Stoger 1966 p. 267). [tradução minha].

Sendo assim, a terceira cena apresenta o seguimento numa perspectiva de abertura criativa e servicial, ou seja, um seguimento vivo e verdadeiro capaz de transformar a realidade pessoal e social. Nesse sentido, o seguimento é muitas vezes sinal de contradição, já que não dá para seguir Jesus e compactuar com o mal, e tudo aquilo que vai contra a verdade do evangelho. Essas três exigências, como vimos, querem indicar que, nossa ação pastoral enquanto seguidores deve sempre partir de Cristo, isto é,

[...] do encontro verdadeiro com Jesus de Nazaré, o encontro com Cristo vivo, e ressuscitado que é o crucificado e que nos aponta o caminho de seu Reino, de sua práxis e de suas opções, que devemos seguir e ter como nossas, pois é o que nos une a ele e é o que nos faz seguidores e promotores da verdade. (Kuzma, 2016 p. 846).

As exigências apresentadas por Jesus podem ser vividas hoje a partir de uma vivência de fé autêntica, isto é, uma fé encarnada, mas não alienada, uma fé que seja capaz de libertar o homem de modo integral, uma fé que esteja a serviço do evangelho, uma fé que nos faça, no Cristo, outros cristos, que nos faça cada vez mais servos dos servos de Cristo

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O seguimento tal como nos apresenta Lucas se dá na medida em que entramos na dinâmica do caminho com Jesus, ou seja, quando nos decidimos por caminhar com o mestre, como nos apresenta a proposta lucana, na sua teologia do caminho. Desse modo, podemos apresentar como considerações finais, porém não últimas que, seguir Jesus exige acima de tudo a consciência da realidade, tanto acerca de quem se segue, como do contexto em que se dá o seguimento, ou seja, um conhecimento tanto bíblico quanto da realidade atual.

É preciso conhecer quem é afinal esse Jesus, e o que significa segui-lo. É o que tentamos apresentar ao propor a questão do seguimento partindo da tentativa de conceituá-lo e como esse seguimento se desdobra na visão dos demais evangelistas sinóticos. Nesse sentido, concluímos aqui que o seguimento a Jesus apesar de ser sempre um convite e nunca uma imposição, tem suas implicações de modo a exigir daquele que livremente quer segui-lo, uma atitude de prontidão e

de total entrega à pessoa de Cristo.

Sendo, assim, entendendo que o seguimento a Jesus é abrangente e exigente, tentamos apresentar nesta pesquisa uma visão do seguimento a partir da perícopes de Lc 9, 57-62, por ser um texto que expressa com clareza o seguimento na perspectiva do caminho. Partindo de um entendimento do texto bíblico, apresentamos algumas considerações sobre a aplicação de Lc 9,57-62 na vida pastoral hodierna.

Com base no que foi exposto, a presente pesquisa se propôs a refletir sobre a questão do seguimento a partir de uma linha dedutiva, como disposto na ordem dos capítulos. Desse modo, sem descurar o problema inicial, a saber: Em que sentido o autor do evangelho de Lucas apresenta os critérios para o seguimento a Jesus, e qual a relevância desses critérios para uma vivência de fé na atualidade? Entendemos que o seguimento a Jesus, como nos apresenta Lucas na perícopes estudada, é um seguimento exigente, isto é, que implica um constante sair de si. Logo, as três cenas apresentadas por Lucas expressam claramente o critério que Jesus propõe para aquele que quer segui-lo.

Partindo dessas três cenas, e considerando o que foi exposto no decorrer da pesquisa, entendemos que seguir Jesus a partir da proposta de Lucas pode ser definido em duas palavras; consciência e compromisso. Consciência entendida como o conhecimento não só de si, mas do próprio mestre, isto é, suas exigências e seu modo de ser. E compromisso entendido aqui como dedicação total e incondicional a Jesus. Em outras palavras, podemos entender esses dois critérios como uma vivência cristã coerente que seja capaz de traduzir a fé na vida e a vida à luz da fé.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA, **Novo testamento**. São Paulo: Paulinas, 2015.

BÍBLIA. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**, 3ª impressão. São Paulo: Paulus, 2004.

BÍBLIA. **BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA**, 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 2015.

BROWN, Raymond E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. 1. ed. Santo André/São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2011.

CASALEGNO, Alberto. **Lucas, a caminho com Jesus missionário**. São Paulo, Loyola 2003.

COENEN, Lothar. et, al. **Dicionario teologico del nuevo testamento**. 4ª ed. Sígueme, Salamanca, 1994.

COMENTARIO AL NUEVO TESTAMENTO, **la casa del la bibia**, 1995.

COMENTARIO BÍBLICO III, 7ª ed. São Paulo, Loyola, 2013.

EVANGELII GAUDIUM. São Paulo/SP: Paulinas, 2013. (A Voz do Papa 198)

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos II**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FITZMYER, Joseph A. **Evangelio segun Lucas**: introduccion general. Madrid: Ediciones Cristianidad 1986.

FITZMYER, Joseph A. **Evangelio segun Lucas**: Traduccion y comentarios capitulos 8,22 – 18,14. Madrid: Ediciones Cristianidad 1987.

FONSECA, Jerry de Sousa. **Fé e seguimento**: as grandes linhas do discipulado cristão em mt 5-7, pensar revista eletrônica da faje, v.4 n. 2, 2013

FRANCISCO, papa. **GAUDIUM ET SPES**. São Paulo/SP: Paulinas, 2005. (A Voz do Papa 41)

GNILKA, joachim. **Evangelio segun san marcos 1, 1 – 8, 26**. 4ª ed. Sigueme, Salamanca: 1999.

GNILKA, joachim. **Evangelio segun san marcos 8, 27 – 16, 20**. 4ª ed. Sigueme, Salamanca 2001.

KUMMEL, Werner Georg. **Introdução ao Novo Testamento**. 3ª ed. São Paulo/SP: Paulus, 2004.

KUZMA, Cesar. **Uma igreja a partir do pobre, interpelações teológicas e pastorais**. REB, Petrópolis, v. 76, n. 304, 2016.

MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodríguez. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. 5. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2012.

PAGOLA, José Antonio. **O caminho aberto por Jesus**. Petrópolis. Vozes 2012.

SCHMID, Josef. **El evangelio según san Marcos**. Barcelona, Editorial Herder 1967.

SCHMID, Josef. **El evangelio según san Lucas**. Barcelona, Editorial Herder 1968.

SCHMID, Josef. **El evangelio según san Mateo Barcelona**, Editorial Herder 1973.

STOGER, Alois. **Commenti spirituali del nuovo testamento, vangelo secondo Luca**. v. 1. Roma, Città Nuova 1966.

ULRICH LUZ **El evangelio segun san Mateo**, v. 2 salamanca: Sigueme, 2001.

